A paciência

Santo Agostinho

Santo Agostinho

A Paciência

Tradução de: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

A Paciência

Introdução

Diferença entre a verdadeira paciência e a falsa. Exortação à prática da verdadeira paciência, pela qual suportamos os males com vistas à vida eterna e por amor a Deus. Esta virtude não é obra das forças de nosso livre arbítrio, mas da graça de Deus.

Capítulo I – A paciência de Deus.

1. A força da alma, a virtude que leva o nome de paciência é um dom muito grande da prodigalidade divina, pois se exalta no próprio Deus essa paciência com a qual ele espera os maus até que eles se corrijam. Deus não pode sofrer, não pode padecer (a palavra paciência vem de padecer, sofrer) e, no entanto, Deus é paciente. Esta é uma daquelas verdades que acreditamos com um coração fiel e confessamos com a boca para nossa salvação.

Mas, qual é a natureza, qual é a grandeza dessa paciência de um Deus que não padece, que não é impaciente e que, pelo contrário, é a própria paciência? Isto é algo impossível de explicar através da linguagem humana. Sua paciência é, portanto, inefável;

como seu zelo, como sua cólera e seus outros sentimentos do mesmo gênero. Eles não são nele, de forma alguma, como eles são em nós e não é assim que devemos imaginá-los. Assim como seu zelo é ciumento sem qualquer mistura de inveja, sua cólera é sem transtorno, sua piedade sem nenhuma dor, seu arrependimento é sem reparação de qualquer falta que ele possa ter cometido; assim, ele é paciente sem sofrer.

Mas, vejamos a paciência humana; essa virtude que devemos compreender e praticar. Exponhamos no que ela consiste, na medida em que Deus nos permita fazê-lo e permita a brevidade deste texto.

Capítulo II – No que consiste a verdadeira paciência. Sua utilidade.

2. A paciência humana __ eu digo a paciência verdadeira, louvável, aquela que merece o nome de virtude __ consiste em suportar os males com constância de alma, com medo de que a inconstância de alma que gera a iniquidade nos faça abandonar os bens espirituais que são para nós os meios de chegar aos bens superiores. Segue-se daí que os impacientes, ao se recusarem a sofrer os males, não conseguem se livrar deles e acabam sofrendo

males maiores. Os pacientes, pelo contrário, que preferem suportar o mal sem cometê-lo, do que cometê-los a não suportá-los, conseguem um duplo ganho: eles tornam os males que eles sofrem mais leves através da paciência e escapam dos males mais graves que sofreriam por causa da impaciência. Além disso, eles evitam a perda dos grandes bens da eternidade, ao não sucumbirem sob o peso dos males passageiros do tempo. Pois, *os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada*[1], como diz o Apóstolo. E também: *A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável*[2].

Capítulo III – A dimensão da paciência dos iníquos.

3. Consideremos, meus caríssimos irmãos, tudo o que as pessoas suportam de trabalhos e dores por causa dos objetos de suas paixões viciosas, por coisas em que se é tão infeliz em desejar quanto se imagina ser feliz em possuir. A que perigos elas se expõem por causa de falsas riquezas! Que amarguras elas suportam por honras vãs! Que incrível paciência por satisfações pueris! Á-

[1] Romanos 8: 18.
[2] 2 Coríntios 4: 17.

vidas de dinheiro, glória, depravações, nada lhes é custoso demais para lhes propiciar o que desejam e conservar o que adquiriram. O sol, a chuva, a graça, as ondas rugindo, o mar em fúria, a guerra, por mais dura e cheia de incertezas, golpes, lesões terríveis, ferimentos horríveis, elas suportam tudo sem serem impedidas pela lei da necessidade; elas enfrentam tudo com prazer e para seguir seus desejos culposos. E acreditam que todas essas loucuras são permitidas!

Capítulo IV – Os fúteis louvam essa paciência.

Com efeito, a avareza, a ambição, a luxúria e todo o cortejo dos divertimentos fúteis são reputados como coisas inocentes, desde que não sejam proporcionadas por algum crime ou fraude proibidos pelas leis humanas. E mais: desde que não prejudique ninguém, este pode adquirir uma fortuna ou aumentar a sua, aquele ambicionar as honras e se manter no topo, aquele outro ainda buscar os aplausos no palco e todos, para atingirem seus objetivos, suportarão dores e cansaços de todos os tipos. Os populares, amigos das vaidades, evitam lhes dirigir a menor crítica e, longe disso, eles até os erguem até às nuvens. Assim, segundo as palavras

das Escrituras *O pecador se gloria até de sua cupidez*[3]. A violência desses desejos faz suportar os trabalhos e as dores e, com efeito, ninguém sofre voluntariamente tormentos, a não ser para obter prazer. Mas, como eu dizia, essas paixões que devoram aqueles que querem satisfazê-las ao preço de tanto esforço e amarguras suportadas com tanta paciência são vistas como permitidas e toleradas pelas leis.

Capítulo V – Exemplos de paciência espantosa: Catilina e os ladrões.

4. O que diremos ainda? Não vemos pessoas se submeterem aos mais rudes trabalhos por ocasião dos crimes mais evidentes, não para puni-los, mas para cometê-los? Lemos nos autores profanos a vida de um parricida carrasco de sua pátria, da primeira nobreza. Dizem que ele sabia suportar a fome, a sede, o frio e que, com uma paciência insuperável, ele submetia seu corpo às privações, ao sofrimento, à insônia, em uma medida que ultrapassa qualquer imaginação[4].

[3] Salmo 9: 24.
[4] Cf. CÍCERO. *Catilinárias*. 3,16.

O que dizer dos ladrões das estradas? Para realizar suas emboscadas aos viajantes, todos passam noites sem dormir e, para surpreender o inocente na passagem, eles mantêm focados seus espíritos criminais e seus corpos imóveis, sob os climas mais inclementes! Vários deles, pelo que contam, chegam até a se torturar uns aos outros, para se prepararem para o suplício, com um exercício que não difere dele. Talvez o juiz os atormente menos cruelmente para lhes arrancar a verdade através das dores do interrogatório, do que seus próprios companheiros, quando querem se assegurar que o suplício não os tornará traidores.

No entanto, a paciência de todas essas pessoas pode provocar a admiração, mas não o louvor. Ai! O que foi que eu disse?! Não, nem uma coisa e nem outra; a paciência não existe aqui. Admire a obstinação, negue a paciência, pois, não há nada aqui que mereça ser louvado e nada de útil a ser imitado. Você julgará com razão que uma alma merece um castigo muito maior, quando ela faz uso para o vício dos instrumentos das virtudes. A paciência é a companheira da sabedoria e não a serva da concupiscência. A paciência é amiga da boa consciência e não inimiga da inocência.

Capítulo VI – A causa pela qual se sofre constitui a diferença entre a verdadeira e a falsa paciência.

5. Quando você ver alguém sofrer pacientemente, não se apresse em louvar sua paciência, enquanto não se revelar a causa pela qual ele sofre. Se a causa é boa, a paciência é verdadeira. Se essa causa não está manchada por alguma paixão, você pode dizer que a paciência não é falsa. Mas, quando o vício caracteriza a primeira, você errará ao caracterizar a segunda por seu nome. Assim como nem todos aqueles que sabem são adeptos da ciência, também nem todos aqueles que sofrem são, por causa disso, adeptos da paciência. As pessoas que sabem usar o sofrimento pela virtude, eis os que merecem realmente o nome de pacientes e a coroa remuneradora da paciência.

Capítulo VII – Os iníquos sabem sofrer tudo pela vida temporal. Nem só a alma se beneficia com a morte e as dores pacientemente suportadas; o corpo tem nisso sua parte.

6. No entanto, essa espantosa perseverança das pessoas em sofrer tantos males horríveis por suas paixões e até mesmo por crimes nos esclarece bastante sobre o que devemos suportar para

levar uma vida virtuosa, para que ela possa se tornar uma vida eterna, estável, de verdadeira felicidade, contra os limites do tempo e contra qualquer redução dos elementos de sua felicidade.

O Senhor disse: *É em vossa paciência que possuireis vossas almas*[5]. Ele não disse vossa fazenda, vossas honras, vossos prazeres culpáveis, mas ele disse *vossas almas*. Se então a alma consegue sofrer tanto para possuir o que a faz perecer, quanto ela não deve suportar para evitar perecer? E, para citar um exemplo que não inclui nada de criminoso, se a alma sabe sofrer para salvar sua carne nas mãos de médicos equipados com ferro e fogo, quanto ela não deve sofrer para sua própria salvação, no meio dos ataques furiosos de todos os seus inimigos? Pois, os médicos salvam o corpo da morte fazendo-o sofrer e os inimigos da salvação ameaçam o corpo com o sofrimento da morte, para precipitar na morte eterna a alma e o corpo.

7. Há mais; vela-se mais eficazmente pelos interesses do próprio corpo, quando se despreza, pela justiça, sua saúde temporal; quando, pela justiça, dedica-se aos tormentos e até mesmo à morte. Pois, é da redenção final do próprio corpo que o Apóstolo fala, quando diz que *Nós, que temos as primícias do Espírito, ge-*

[5] Lucas 21: 19. *In patientia vestra possidebitis animas vestras.*

memos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo. Porque pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança; porque o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é em paciência que o aguardamos[6].

Capítulo VIII – A utilidade da paciência para a alma e para o corpo.

Assim, quando males nos atormentam sem que esses tormentos consigam nos fazer cometer atos maus, não é somente nossa alma que possuímos através da paciência. Mas, quando até mesmo nosso corpo é afligido por um tempo e mesmo quando nós o perdemos no exercício da paciência, nós o reganhamos para a eternidade, nós lhe propiciamos a estabilidade e a salvação eterna e, pela dor e a morte, nós adquirimos para ele a saúde indefectível e a feliz imortalidade.

Assim, o Senhor Jesus, exortando seus mártires à paciência, lhe promete a integridade futura do próprio corpo e lhes assegura contra a perda, eu não digo de um membro, mas até mesmo de um

[6] Romanos 8: 23-25.

fio de cabelo: *Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça*[7]. E porque, na expressão do Apóstolo, *ninguém jamais odiou a sua própria carne*[8], acontece de a pessoa fiel proporcionar mais segurança aos interesses de sua carne através da paciência do que pela impaciência e encontrar no ganho inapreciável da incorruptibilidade futura uma compensação aos danos do presente, quaisquer que eles sejam.

A paciência é uma virtude da alma. No entanto, a alma a exercita tanto nela mesma quanto em seu corpo. Ela a exercita nela mesma quando a prova não fere e não ofende o corpo; quando são atos hostis ou palavras desonrosas que a atingem e a estimulam a ações ou a palavras inoportunas ou contrárias ao bem e quando ela suporta todo tipo de males sem ela mesma cometer nenhum mal, seja em palavras, seja em atos.

Capítulo IX – A paciência da alma.

É em virtude dessa paciência que nos fazemos plenos de saúde, que nos resignamos em ver adiar nossa beatitude e em viver no meio dos escândalos deste século. Este é o sentido do texto

[7] Lucas 21: 18.
[8] Efésios 5: 29. *Nemo enim umquam carnem suam odio habuit*.

citado há pouco: *Nós que esperamos o que não vemos, é em paciência que o aguardamos*[9].

Foi essa paciência que fez o santo rei Davi suportar as humilhações e os insultos; impediu-lhe a vingança, quando ela lhe era fácil; o levou a conter a cólera de um dos seus, que partilhava sua dor[10] e a usar o poder real para impedir a vingança, mais do que exercê-la. Ora, nesse momento, seu corpo não estava sendo atormentado por nenhuma doença e nem atingido por qualquer ferimento, mas era o tempo de ser humilhado e ele reconheceu isso e suportou o peso da vontade de Deus com um coração submisso e alma paciente, bebendo o cálice amargo da ignomínia.

Essa paciência o Senhor ensina, quando, ao ver os servidores irritados com a mistura do mau com o bom grão e dispostos a separá-los, ele lhes comunica a resposta do pai de família: *Deixai-os crescer juntos até a colheita*[11]. Pois é preciso sofrer com paciência o que não se deve apressar para interromper.

Por fim, ele próprio dá um exemplo e uma demonstração dessa paciência, quando, antes de sofrer a paixão em seu corpo,

---

[9] Romanos 8: 25.
[10] 2 Reis 16: 5-12.
[11] Mateus 13: 30.

ele suportou o Judas ladrão antes de convencê-lo da traição[12]. Antes de passar pelos laços, a cruz e a morte, ele não recusou o beijo da paz aos lábios da perfídia.

Todos estes pontos __ e muitos outros semelhantes que seria muito longo enumerar __ pertencem a essa espécie de paciência pela qual a alma suporta corajosamente, não o peso de seus pecados, mas os males exteriores de todo tipo, dentro dela mesma, sem que o corpo seja atingido.

Capítulo X – A paciência nos males exteriores __ Os mártires tiveram os dois tipos de paciência.

Há outra espécie de paciência. Ela surge quando a alma suporta todo tipo de tormento e dores em seu corpo, não, todavia, como fazem os insensatos ou os ímpios, ou seja, para se propiciar coisas inúteis ou cometer crimes, mas como o próprio Deus determinou, ou seja, *pela justiça*[13]. Os mártires enfrentaram um e outro combate, pois eles foram cobertos de opróbrios por parte dos ímpios. É desta forma que a alma sã em um corpo são suporta todo tipo de males que lhe são próprios, pois eles foram atormen-

[12] João 12: 6 e 13: 29.
[13] Mateus 26: 29.

tados em seus corpos, acorrentados, aprisionados, presos aos horrores da fome e da sede, torturados, serrados, cortados a machado, queimados, degolados. E enquanto eles sofriam assim em sua carne tudo o que pode inventar a crueldade mais sofisticada, eles mantinham suas almas submissas a Deus em um amor inabalável.

9. Mas, há para a paciência um combate maior ainda. É quando se deixa de lidar com um inimigo visível que, com suas perseguições abertas e suas violências, o empurra para o mal e lhe dá a oportunidade de lhe resistir na luz do dia e vencê-lo. É quando o próprio diabo, fazendo os filhos da luz serem perseguidos pelos filhos da infidelidade, que são como seus órgãos, vos ataca secretamente e vos pressiona, com suas violências, a fazer alguma ação ou dizer algumas palavras contra Deus.

Capítulo XI – A paciência do santo homem Jó.

Esta foi a experiência que teve o santo Jó: atormentado pelas duas tentações, ele triunfou sobre as duas, com as armas da piedade e a força inabalável de sua paciência. Com efeito, ele inicialmente perdeu tudo o que possuía, antes que seu corpo fosse tocado. Essa tentação tinha como objetivo partir sua alma, através da ruína das coisas que os humanos tem o costume de dar grande va-

lor e levá-lo a blasfemar contra Deus, ao ver escapar esses bens que se acreditava ser o motivo do culto que lhe prestava. O segundo golpe que o atinge em seguida foi a privação súbita de todos os seus filhos. Ele os teve um após o outro e os perdeu todos juntos, de sorte que, seu grande número, longe de embelezar sua vida feliz, foi para ele, pelo contrário, uma sobrecarga de infortúnios. Quando, após essas provas, ele permaneceu imóvel na fidelidade ao seu Deus, ele se agarrou à vontade Daquele que ele só podia perder através de sua própria vontade. E, em troca dos bens que ele havia perdido, ele agarrou Aquele que os havia tirado, para encontrar nele um bem que não pode jamais perecer. Pois, na realidade, esses bens não lhe foram tirados por aquele que tinha a vontade de arruinar, mas por Aquele que tinha dado o poder ao maligno.

Capítulo XII – A paciência de Jó é superior à de Adão.

O inimigo se atracou então ao corpo do santo e golpeou esse homem não mais nas coisas exteriores que lhe pertenciam, mas ele mesmo e na parte de seu ser que ele podia atingir. Desde os pés até a cabeça, eis o fogo da dor que o queima, os vermes que for-

migam, o pus que escorre. Mas, nesse corpo em podridão, a alma permanece íntegra, os sofrimentos horríveis de uma carne que cai aos pedaços não suplantam sua piedade e não cansam sua incorruptível paciência.

Uma esposa está por perto, não para levar algum consolo ao seu esposo, mas, pelo contrário, para lhe sugerir a blasfêmia contra Deus. Pois o diabo, especialista na arte de arruinar, que havia levado todos os seus filhos, teve o cuidado de deixar sua mulher; o tentador tinha aprendido com Eva o quanto ela era útil[14]. Mas aqui ele não estava lidando com outro Adão, para poder pegá-lo através de uma mulher. Jó foi mais prudente no meio dos ardores da dor; coisa que Adão não foi, nas frescas sombras do Paraíso, já que foi vencido nas delícias e Jó vitorioso nas angústias. O primeiro cedeu às carícias e o segundo não cedeu aos tormentos. Amigos também estavam lá, não para consolá-lo em seus males, mas para lançar suspeitas sobre o mal. Pois eles não queriam acreditar que fosse inocente aquele que sofria tanto e suas línguas indiscretas o acusavam do que sua consciência não o reprovava.

Assim, preso aos sofrimentos atrozes do corpo, sua alma ainda enfrentava os opróbrios que lhe lançavam erroneamente. E

[14] Gênesis 3: 1-6.

ele, enfrentando na própria carne suas próprias dores e em seu coração os erros de outros, repreendeu a tolice de sua esposa, ensinou sabedoria aos seus amigos e suportou tudo com paciência.

Capítulo XIII – A falta de paciência dos donatistas. Eles se utilizam de mãos criminosas, quando os cristãos os procuram.

10. Que se considere aqueles que se dão a morte, quando são procurados para lhes dar a vida e renunciam à vida futura se privando da vida presente. Se forem obrigados a renegar Cristo ou a qualquer ação contrária à justiça, como os verdadeiros mártires, eles deviam sofrer tudo com paciência, antes de se darem a morte por falta de paciência. Se isso fosse permitido para evitar os tormentos, o santo Jó teria se matado para escapar da crueldade do demônio e se livrar de tantos ataques aos seus bens, aos seus filhos e aos seus próprios membros. Ora, ele não o fez. Ele estava bem longe de cometer contra sua própria pessoa um crime que nem sua própria mulher sugeriu. E se ela o tivesse sugerido, ela rapidamente teria ouvido esta resposta que ela ouviu quando lhe sugeriu que blasfemasse: *Falas como uma insensata. Aceitamos a*

felicidade da mão de Deus; não devemos também aceitar a infelicidade?[15]

Ele também teria se incluído na lista daqueles dos quais se fala: *Ai daqueles que perderam a paciência*[16], se ele a tivesse perdido, seja blasfemando segundo o conselho de sua mulher, seja se matando, o que ela não ousou lhe aconselhar. Com isso, ele teria aumentado seus males, bem longe de terminá-los e teria sido jogado nos suplícios destinados aos blasfemadores, aos parricidas e àqueles que são mais do que parricidas. Pois, se o assassinato cometido por um parricida é um crime tão grande, já que não se trata somente de uma pessoa, mas de uma pessoa de seu sangue que eles provocam a morte e se entre os próprios parricidas o crime se mede através do grau de proximidade daquele que é morto, aquele que se mata é o mais culpado de todos, pois ninguém nos é mais próximo do que nós mesmos.

O que pensam então fazer, miseráveis, quando se retiram a vida, jogando-se nos suplícios eternos? Já que Deus punirá a impiedade que foi cometida contra ele e a crueldade que vocês cometeram contra vocês mesmos. Portanto, vocês que pretendem

[15] Jó 2: 10.
[16] Eclesiástico 2: 16.

seguir os mártires, vocês poderiam sempre se lembrar de que *Ai daqueles que perderam a paciência*, quando fosse o caso de fugir da fúria dos tiranos que vos perseguem por causa do nome de Jesus Cristo e que pretendem lhes dar a morte. Como se poderia coroar a impaciência como se faz com a paciência? Como aquele a quem é ordenado amar seu próximo como a si mesmo passaria por inocente, quando cometeu contra si mesmo o que é proibido de cometer contra seu próximo[17].

Capítulo XIV – A paciência dos justos.

11. Que os santos escutem então os preceitos de paciência que nos dão as Escrituras: *Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, permanece firme na justiça e no temor, e prepara a tua alma para a provação; humilha teu coração, espera com paciência, dá ouvidos e acolhe as palavras de sabedoria; não te perturbes no tempo da infelicidade, sofre as demoras de Deus; dedica-te a Deus, espera com paciência, a fim de que no derradeiro momento tua vida se enriqueça. Aceita tudo o que te acontecer. Na dor, permanece firme; na humilhação, tem paciência. Pois é pelo fogo que se experimentam o ouro e a prata, e os homens agradáveis a*

[17] Mateus 19: 19.

Deus, pelo cadinho da humilhação[18]. E, em outro lugar: *Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, nem te espantes de que ele te repreenda, porque o Senhor castiga aquele a quem ama, e pune o filho a quem muito estima*[19].

Aqueles que ele recebe assim como seus filhos são as pessoas agradáveis que ele mencionou na primeira passagem, pois, é justo que, estando decaídos da felicidade do Paraíso por causa do orgulho e um ardor desenfreado pelos prazeres, seja pela humilhação e pela paciência nos males que nós sejamos restabelecidos a ele. Exilados pelo mau que fizemos, somos lembrados disso por aqueles que sofremos. Tendo então pecado contra a justiça, sofremos agora pela justiça.

Capítulo XV – A fonte verdadeira da paciência.

12. Mas, é preciso saber de onde nos vem a paciência verdadeira e que merece ser assim chamada, pois, há quem a atribua às forças que a vontade humana atrai do fundo de sua liberdade, ao invés de atribuí-la àquelas que lhe dá a graça de Deus. Esse erro vem do orgulho humano e aí estão os pensamentos daqueles men-

[18] Eclesiástico 2: 1-5.
[19] Provérbios 3: 11 e 12.

cionados pelo salmista, quando ele diz: *Nossa alma está em excesso repleta da irrisão dos opulentos e do desprezo dos soberbos*[20].

Este tipo de paciência não é, portanto, *a paciência dos pobres*, que *não perece*[21] e que eles recebem Daquele que é soberanamente rico e a quem o salmista disse: *Sois o meu Senhor, fora de vós não há felicidade para mim*[22], do Deus de onde vem *Toda dádiva boa e todo dom perfeito*[23]; a quem se dirigem os louvores e os gritos dos pobres e indigentes[24] e a quem pedem, buscam e batem à porta dizendo: *Meu Deus, livrai-me das mãos do iníquo, das garras do inimigo e do opressor, porque vós sois, ó meu Deus, minha esperança. Senhor, desde a juventude vós sois minha confiança*[25].

Mas aqueles que são soberbos e que não querem reconhecer sua indigência perante o Senhor, preferem se vangloriar de uma falsa paciência do que lhe pedir a verdadeira e zombam dos pensamentos dos pobres, que colocam sua esperança em Deus[26]. Eles não deixam de atribuir tudo o que fazem à sua vontade, ou seja, à

[20] Salmo 122: 4.
[21] Salmo 9: 19. *Patientia pauperum non peribit in finem.*
[22] Salmo 15: 2. *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.*
[23] Tiago 1: 17.
[24] Salmo 73: 21.
[25] Salmo 70: 4 e 5.
[26] Cf. Salmo 13: 6.

vontade humana, já que são humanos e isto é incorrer na maldição do Profeta: *Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz o seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor!*[27]

Assim, quando acontecer de, para evitar males maiores ou de medo de desagradar as pessoas ou por sua própria complacência produzida pelas pretensas forças de sua vontade soberba, eles sofrerem firmemente coisas duras e desagradáveis, será preciso lhes dizer, sobre essa *falsa paciência*, o que o Apóstolo São Tiago disse sobre a *falsa sabedoria*: *Não vem do alto, mas é terrena, humana, diabólica*[28]. Pois a paciência dos orgulhosos não é mais verdadeira do que sua sabedoria e é Aquele que dá a verdadeira sabedoria que também dá a verdadeira paciência, como cantou um verdadeiro pobre de espírito, quando disse: "Seja submisso a Deus, ó minha alma, pois é dele que vem minha paciência"[29].

Capítulo XVI – A vontade basta para a injustiça, não para a justiça.

[27] Jeremias 17: 5. *Maledictus homo qui confidit in homine, et ponit carnem brachium suum, et a Domino recedit cor ejus.*
[28] Tiago 3: 15.
[29] Salmo 61: 6. *Deo subiecta est anima mea, quoniam ab ipso est patientia mea*.

13. Mas, questionarão, se sem nenhum graça de Deus e somente com as forças do livre arbítrio, as pessoas são capazes de suportar males horríveis, tanto no espírito quanto no corpo, para chegar ao gozo dos bens desta vida e até mesmo para prazeres criminosos, por que elas não poderão sofrer o mesmo para a justiça e para a vida eterna, com essas mesmas forças do livre arbítrio? A natureza não lhes deu tudo o que precisam para isso, sem que precisem de uma ajuda do alto? Ora, dirão, a vontade dos ímpios será capaz, sem nenhuma ajuda de Deus, de sofrer pela iniquidade os tormentos para os quais eles se preparam e para se manterem firmes diante dos tormentos que os juízes podem lhes fazer enfrentar. A vontade dos celerados que procuram prolongar o curso desta miserável vida será suficientemente forte, sem nenhuma assistência do céu, para persistir __ apesar do rigor e da duração dos mais cruéis tormentos __ em negar seus crimes, com medo do envio à morte, caso eles os confessem. E a vontade dos justos não será suficiente, se ela não for assistida do alto, para sofrer algumas dores em consideração ao que há de admirável na justiça ou por amor à vida eterna?

Capítulo XVII – A caridade é a fortaleza dos justos.

14. Mas, aqueles que falam assim não sabem que a dureza com a qual os ímpios suportam os males é proporcional à sua cupidez e ao seu amor pelo mundo. Da mesma forma, a força dos justos nos sofrimentos não é menor do que sua caridade e seu amor a Deus. Ora, assim como a cupidez tem a vontade como princípio, se fortifica no prazer e se consuma no costume; a caridade, pelo contrário, só tem Deus como princípio, *Porque a caridade de Deus foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[30]. A paciência dos justos vem, portanto, Daquele mesmo que derrama a caridade em nossos corações.

Também vemos que o Apóstolo, fazendo o elogio da caridade, entre os outros bens que ele inclui, observa expressamente que *A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*[31].

Tudo suporta, ele diz. De sorte que, quanto mais o amor de Deus está nos justos e o amor do mundo nos ímpios, mais eles

[30] Romanos 5: 5. *Quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis.*
[31] 1 Coríntios 13: 4-7.

sofrem com firmeza pelo que eles amam __ tanto um quanto o outro __ todos os males que lhes podem advir. Como, portanto, a verdadeira paciência nos justos vem do que produz neles o amor de Deus, a falsa paciência nos ímpios vem do que produz neles o amor do mundo.

Foi isso que fez o apóstolo São João dizer: *Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida - não procede do Pai, mas do mundo*[32]. Assim, quanto mais essa concupiscência que não vem do Pai, mas do mundo, for forte e ardente na pessoa, mais ela será capaz de sofrer com firmeza __ pelo que ela deseja __ todas as dores e sofrimentos que lhe possam acontecer. Este tipo de paciência não é, como já dissemos, aquela que vem do alto. É a paciência dos santos que vem de lá e que é um dom do *Pai das luzes*[33]. Uma é terrestre, a outra é celeste; uma é animal, a outra espiritual; uma é diabólica, a outra divina, por que a cupidez que faz os ímpios perseverarem em seus

[32] 1 João 2: 15 e 16.
[33] Tiago 1: 17.

males vem do mundo[34] e *o amor*, que faz com que os santos sofram os seus males com força *vem de Deus*[35].

Eis o que faz com que essa falsa paciência da vontade humana baste sem nenhuma ajuda de Deus, sendo tão mais capaz de sofrer a dureza quanto mais ela tem de cupidez. Mas, para a verdadeira paciência, a vontade humana não basta, sem a ajuda da graça que a inflame. Por que o Espírito Santo é seu fogo e, a menos que seja abraçada por ele para amar o soberano e impassível bem, ela não ficaria bem nos males que a acometem.

Capítulo XVIII – A verdadeira paciência vem de Deus, que é amor.

15. Pois, como aprendemos com as sagradas Escrituras: *Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*[36]. Assim, defender que se pode ter o amor de Deus sem a ajuda de Deus é, propriamente, sustentar que se pode ter Deus sem Deus. Ora, eu não digo qual cristão, mas qual insensato ousaria chegar a tal extravagância?

---

[34] 1 João 2: 16.
[35] 1 João 4: 7.
[36] 1 João 4: 16.

Eis então, segundo o Apóstolo, o que a verdadeira, a santa e fiel paciência diz através da boca dos santos, nos transportes de sua alegria: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Realmente, está escrito: "Por amor de ti somos entregues à morte o dia inteiro; somos tratados como gado destinado ao matadouro"*[37]. *Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou*[38]. Isso não acontece, portanto, por nós mesmos, mas por "aquele que nos amou".

Em seguida, acrescenta esse grande Apóstolo: *Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor*[39].

Eis qual é esse amor de Deus que é *derramado em nossos corações*, não por nós mesmos, mas, *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[40]. Ao contrário da cupidez, que produz a falsa paciência

[37] Salmo 43: 23.
[38] Romanos 8: 35-37.
[39] Romanos 8: 38 e 39.
[40] Romanos 5: 5.

nos ímpios e que vem do mundo e não do Pai, como diz o Apóstolo São João[41].

Capítulo XIX – A concupiscência vem do mundo ou da má vontade?

16. Mas, alguém dirá, se é do mundo que vem essa cupidez dos ímpios, que os faz sofrer com firmeza todos os males que encontram na busca do que eles amam, como se pode dizer que ela vem da vontade? É por que eles próprios são do mundo e pertencem ao mundo, por que amam o mundo até o ponto de abandonar Aquele que fez o mundo, pois eles servem as criaturas, ao invés de servir o Criador *que é bendito pelos séculos*[42]. Portanto, está claro que a vontade dos ímpios vem sempre *do mundo*, já que o apóstolo São João quis marcar com esta palavra os amantes do mundo ou o que está incluído entre o céu e a terra, ou seja, todas as criaturas. É por isso que toda vontade da criatura não vem do Criador, vem do mundo.

Por isso também, Jesus Cristo disse aos amantes do mundo: *Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo, eu*

[41] 1 João 2: 16.
[42] Romanos 1: 25.

não sou deste mundo[43]. Ele também disse aos seus Apóstolos: *Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus*[44]. No entanto, com medo de que eles se atribuíssem mais do que lhes pertencia e se acreditassem devedores à natureza e não à graça, pelo fato de não serem deste mundo, Jesus Cristo logo acrescentou: *Como, porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia*[45].

Eles não eram, portanto do mundo, é verdade, mas por que foram escolhidos e separados do mundo, para não serem mais dele.

Capítulo XX – A graça precursora.

17. Ora, aprendemos com o Apóstolo que essa escolha não está fundamentada em nenhum mérito de boas obras feitas antes, mas que é uma escolha e uma eleição da graça. Esse santo Apóstolo disse formalmente que *subsiste um resto, segundo a eleição*

[43] João 8: 23.
[44] João 15: 19.
[45] João 15: 20.

da graça. E se é pela graça, já não o é pelas obras; de outra maneira, a graça cessaria de ser graça[46].

É essa eleição da graça __ ou seja, essa escolha que Deus faz das pessoas, puramente através da graça __ que precede no ser humano tudo o que pode lhe acontecer de meritório, pois, se as pessoas fossem escolhidas em consideração a qualquer mérito, essa eleição seria o pagamento de uma dívida e não um presente gratuito e, por consequência, ela não mereceria ser chamada de graça. Seria como o *salário* que, como diz o mesmo Apóstolo, *não é gratificação, mas uma dívida ao trabalhador*[47].

Se, pelo contrário, ela é verdadeiramente graça, ou seja, perfeitamente gratuita, não se pode dizer que ela encontra na pessoa algo em consideração ao que ela é concedida. É o que a Escritura nos declara nitidamente, quando diz: *Vós os salvastes por nada*[48]. É, portanto, a graça que dá todo mérito e, de forma alguma, por causa do mérito. Ela precede todas as coisas em nós, até a própria fé, que é o princípio e o começo de toda boa obra, pois, como está escrito, *o justo vive por sua fidelidade*[49].

---

[46] Romanos 11: 5 e 6.
[47] Romanos 4: 4.
[48] Salmo 55: 8. *Pro nihilo salvos facies illos.*
[49] Habacuc 2: 4.

Não somente então a graça ajuda e sustenta o justo, mas é ela que torna o ímpio justo. Assim, mesmo quando ela o ajuda e parece ser a recompensa de seu mérito, nem por isso ela deixa de ser graça, pois, o que é ajudado nele, só acontece por causa dela.

Essa graça que precede todo os méritos nos humanos é efeito e prêmio da morte que Jesus Cristo quis sofrer, não apenas pelas mãos dos ímpios, mas *pelos ímpios*[50]. Ora, quando Jesus Cristo escolheu seus Apóstolos, foi para torná-los justos e não por que os encontrou justos, pois, após ter dito que eles não eram do mundo, ele acrescentou imediatamente, preocupado com que eles pensassem que jamais o tinham sido dele: *do mundo vos escolhi*[51]. Foi, portanto, essa escolha que fez com que eles não fossem do mundo.

Aliás, se essa escolha não tivesse sido feita puramente pela graça, mas em consideração a alguma justiça que houvesse neles, não seria verdadeiro dizer que *do mundo vos escolhi*, pois, mesmo antes da escolha eles já não eram do mundo, pois, eles já eram justos. Além disso, se eles tivessem sido escolhidos por que eram justos, eles já teriam sido primeiro escolhidos por Deus, pois só se

[50] Romanos 5: 6.
[51] João 15: 19.

é justo por escolha da justiça[52]. Ora, as Escrituras nos ensinam que *É por sua graça que estais em Jesus Cristo, que, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito: quem se gloria, glorie-se no Senhor*[53]. É ele, portanto, que é nossa justiça.

Capítulo XXI – A graça fez os antigos justos.

18. Assim, os santos que viveram antes da encarnação do Verbo não foram justificados como nós, pela fé em Jesus Cristo e pela verdadeira justiça que esse mesmo Jesus Cristo é para todos os justos. Eles acreditaram nas coisas antes de sua realização, como nós cremos presentemente que elas são realizadas e eles foram salvos pela graça, *mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus. Não provém das obras, para que ninguém se glorie*[54], como se suas boas obras tivessem precedido a misericórdia de Deus, ao invés de serem consequências e efeitos dela, bem como as nossas.

Pois eles não somente aprenderam como nos deixaram por escrito, muito tempo antes que Jesus Cristo viesse ao mundo, que

[52] Romanos 10: 4.
[53] 1 Coríntios 1: 30 e 31.
[54] Efésios 2: 8 e 9

Deus dá a graça a quem ele quer e usa *de misericórdia com quem* lhe *apraz*[55]. Foi daí que São Paulo concluiu, muito tempo depois que, *a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[56]. Foram eles também que disseram, muito tempo antes da vinda de Jesus Cristo: *Meu Deus, vossa misericórdia me impedirá*[57].

Ora, como eles não seriam participantes da fé de Jesus Cristo, se foram eles que nos profetizaram Jesus Cristo, em cuja fé ninguém é, nem será e nem jamais foi justo? Se, portanto, os Apóstolos já fossem justos quando Jesus os escolheu, seria preciso que eles o tivessem escolhido primeiro, para que, sendo justos por esta escolha, sem a qual não há justiça, eles possam merecer ser escolhidos por ele. Mas, não foi assim que aconteceu, pois ele mesmo lhes disse: *Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi*[58]. Foi isto que fez o apóstolo São João dizer: *Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ele nos ter amado*[59].

---

[55] Êxodo 33: 19.
[56] Romanos 9: 16.
[57] Salmo 58: 11. *Deus meus misericordia ejus præveniet me*.
[58] João 15: 16.
[59] 1 João 15:10.

Capítulo XXII – Sem a graça não há justo.

19. Sendo assim, uma pessoa que tem o uso de sua razão e de sua vontade, o que ela é antes de escolher e amar a Deus, se não é um pecador e um ímpio? O que se tornará essa miserável criatura que deixou seu Criador, se esse Deus de bondade não tiver piedade dela e se gratuitamente não a escolher e não a amar? Pois, a menos que Deus cure e endireite o ser humano, antecipando-se através de uma escolha e uma benevolência gratuita, o ser humano não é capaz de se levar a escolher e nem a amar Deus. Sua cegueira impede a visão do que ele precisa escolher e sua apatia o gosto do que ele precisa amar.

Mas, pode-se perguntar, como pode Deus amar primeiro os iníquos, para torná-los justos, já que está escrito: *Detestais a todos os que praticam o mal, fazeis perecer aqueles que mentem, o homem cruel e doloso vos é abominável, ó Senhor*[60]? Há aqui, sem dúvida, alguma coisa de inexplicável e de incompreensível. No entanto, não entendemos quando um médico terno e caridoso odeia e ama seu paciente ao mesmo tempo? Ele odeia no paciente o que o faz doente e o ama para curá-lo.

[60] Salmo 5: 6 e 7.

Capítulo XXIII – A paciência verdadeira e a falsa paciência.

20. Eis o que acho que devo dizer sobre o tema da caridade, sem a qual não se poderia ter em nós a verdadeira paciência, pois, é a caridade que suporta os males nos bons, como é a cupidez que os suporta nos maus. Ora, a caridade só está em nós por causa do Espírito Santo que a nos deu e, assim, temos a paciência Daquele mesmo que nos deu a caridade[61].

Com relação à cupidez, quando ela suporta com firmeza o peso das misérias que a sucumbe, ela se glorifica das forças de sua vontade própria, ou seja, do ardor da doença que ela desenvolve e não do vigor de sua saúde. É uma loucura se gloriar desta maneira e isso não é ser paciente, mas insensato. No entanto, essa vontade parece levar os males com tanta paciência, que, sendo desprovida dos bens do céu, ela tem mais avidez por aqueles da terra.

Capítulo XXIV – A vontade má sem a instigação do demônio.

[61] Cf. Romanos 5: 5. *Caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis*.

21. Mas, embora o espírito maligno geralmente redobre essa avidez com suas solicitações impuras e produza imagens enganosas no espírito e que, conspirando com a corrupção humana, leva sua vontade ao erro, com loucura ou ardor pelos prazeres aqui de baixo, fazendo o ser humano suportar com uma firmeza surpreendente os males mais insuportáveis, isso não quer dizer que não possa haver uma má vontade sem a instigação do demônio, como não pode haver a boa vontade sem a ajuda do Espírito Santo. Não há melhor exemplo disso do que o próprio demônio, para mostrar que a vontade pode ser má sem que seja seduzida ou solicitada por um espírito estranho, pois não foi pela instigação de outro demônio, mas por sua própria vontade que ele se tornou demônio.

Assim, a má vontade, que __ sendo impulsionada pelo desejo ou contida pelo medo ou estimulada pela alegria ou desestimulada pela tristeza __ despreza e suporta voluntariamente o que houver de mais duro para os outros ou para ela, se não fosse agitada por todos estes estímulos, ela própria bastaria para se seduzir, sem que qualquer espírito estranho a impulsione. E, na proporção em que esteja vazia das coisas do alto e mergulhada nas coisas daqui de baixo, o objeto que ela deseja possuir ou que teme perder ou cuja posse lhe dá alegria ou cuja perda ela lamenta, lhe parece-

rá doce. Ela suportará com bastante firmeza todos os males cujo sofrimento não será capaz de abalar o prazer do desfrute do que ela ama. Ora, o que ela ama, seja o que for, é do gênero e da natureza das coisas criadas. Pois o contato familiar para a troca de experiências prazerosas faz com que a criatura amante se prenda à criatura amada, para o desfrute do prazer.

Capítulo XXV – Só Deus dá a boa vontade.

22. Mas o prazer do Criador, do qual está escrito *Eles se saciam da abundância de vossa casa, e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias*[62], é bem de outro tipo, pois ele não é uma coisa criada como nós. Se esse prazer celeste não produz em nós o amor a Deus, não há nada que possa produzi-lo. Desta forma, a boa vontade, aquela pela qual se ama Deus, só poderia estar naqueles em que Deus realiza o querer e o executar[63].

Está claro, então, que essa boa vontade, ou seja, aquela que é submissa a Deus com fidelidade, aquela que queima com o santo ardor que vem do alto, aquela que ama Deus e o próximo por amor a Deus, sob qualquer forma que ela sofra os males desta vida;

[62] Salmo 35: 9.
[63] Filipenses 2: 13.

seja sob a forma do amor descrito nestas palavras de São Pedro a Jesus Cristo: *tu sabes que te amo*[64]; ou do medo que fala São Paulo, quando ele diz: *vós que sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor*[65]; ou da alegria que ele fala, quando diz: *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração*[66]; ou de uma tristeza como aquela que ele disse ter sofrido pelos irmãos: *sinto grande pesar, incessante amargura no coração*[67]; está claro, eu digo, que é sempre essa mesma caridade, da qual ele diz que *Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*[68] e que *foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[69].

Capítulo XXVI – O que pensar da paciência dos cismáticos?

Desta forma, a piedade não nos permite duvidar que a paciência que faz com que se sofra cristãmente não seja um dom de Deus, bem como é a caridade que faz com se ame santamente.

---

[64] João 21: 15.
[65] Filipenses 2: 12.
[66] Romanos 12: 12.
[67] Romanos 9: 2.
[68] 1 Coríntios 13: 7.
[69] Romanos 5: 5. *Quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis.*

Pois as Escrituras não se enganam e nem nos enganam, quando elas dizem, no Antigo Testamento, que Deus é nossa paciência[70], que nossa paciência vem de Deus[71], que a coragem nos vem do alto[72]. E no Novo Testamento é dito que a alguns *é dado não somente crer em Cristo, mas ainda por ele sofrer*[73].

Que o que nós sabemos que recebemos não nos seja, portanto, um motivo para nos gloriarmos, como se tivéssemos obtido por nós mesmos.

23. Dentre aqueles que estão no cisma __ e, por consequência, desprovidos da caridade, em que a unidade de espírito e o laço da paz que unem todos os membros da Igreja católica são, por causa disso, necessários __ vemos alguns sofrerem, por medo do fogo do inferno, as aflições, as angústias, a nudez, a perseguição, os perigos, a prisão, as correntes, as torturas, o ferro, o fogo, as garras e os dentes dos animais selvagens e a própria cruz, do que renunciar a Jesus Cristo.

---

[70] Salmo 70: 5. *Quoniam tu es patientia mea, Domine*.
[71] Salmo 61: 6. *Verumtamen Deo subjecta esto, anima mea, quoniam ab ipso patientia mea*.
[72] Isaías 11: 2.
[73] Filipenses 2: 29.

Por mais que se possa reprová-los, há alguma coisa de louvável, mesmo nesse tipo de paciência. Pois, não podemos dizer que essa pessoa faria melhor se renunciasse a Jesus Cristo, para evitar os males que sofreria ao confessar seu nome. Mas não devemos pensar que isso servirá para que talvez ela seja punida com um suplício menor, por ter renunciado a Jesus Cristo para se livrar de todos os males.

Assim, quando o Apóstolo diz: *Ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!*[74], precisamos entender que isso não serve de nada para ganhar o reino do céu e nem também para diminuir alguma coisa do rigor dos suplícios eternos.

Capítulo XXVII – Ela é um dom de Deus?

24. Poder-se-ia perguntar se é um dom de Deus ou uma coisa que devemos atribuir à força da vontade humana, a paciência pela qual uma pessoa separada da Igreja e temerosa das penas eternas sofre males temporais; não pelo erro que provocou sua separação, mas pelas verdades e mistérios que ainda conservam essa seita. Pois, se dissermos que esse tipo de paciência é um dom de Deus,

[74] 1 Coríntios 13: 3.

fazemos participantes de seu reino aqueles que a possuem. Se, pelo contrário, dissermos que não é um dom de Deus, admitimos que, sem a ajuda de Deus, é possível haver algum bem na vontade humana, pois não se pode negar que seja um bem acreditar que se será punido eternamente ao renunciar a Jesus Cristo e se sofrerá, se não voltar a ele, tudo o que os humanos são capazes de fazer sofrer. Não neguemos, portanto, que isso seja um dom de Deus, mas compreendamos, ao mesmo tempo, que os dons que ele concede aos cidadãos da Jerusalém celeste, da mulher livre de quem somos os filhos, são bem diferentes destes.

Capítulo XXVIII – Os dons dos filhos herdeiros e os dons dos filhos deserdados.

25. Estes são os dons que compõem a herança celeste, com a qual somos *herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo*[75]. Os outros dons podem ser recebidos inclusive pelos filhos das concubinas, ou seja, os judeus carnais, os heréticos e os cismáticos. Pois se, de um lado vemos que Deus disse a Abraão: *Expulsa esta escrava com o seu filho, porque o filho desta escrava não será herdeiro*

[75] Romanos 8: 17.

com meu filho Isaac[76]; e, em outra ocasião: *nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão; mas, é em Isaac que terás uma descendência que trará o teu nome*[77]; o Apóstolo interpreta isto dizendo: *Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que serão considerados como descendentes*[78], para que entendamos que é à linhagem de Abraão vinda de Isaac que pertencem os filhos de Deus por Cristo e que são o corpo e membros de Cristo, ou seja, a Igreja católica, que é a única Igreja verdadeira onde se encontra a fé que faz os santos e que age, não por medo ou por orgulho, mas por amor.

Se, eu digo, vemos os filhos das concubinas excluídos da herança, vemos também que, quando Abraão os separa de seu filho Isaac, *aos filhos de suas concubinas, lhes deu presentes*[79], não por que os reconheceu como seus herdeiros, mas para não os deixar absolutamente desprovidos de tudo. Assim, lemos: *Abraão deu todos os seus bens a Isaac. Quanto aos filhos de suas concubinas,*

[76] Gênesis 21: 10.
[77] Romanos 9: 7.
[78] Romanos 9: 8.
[79] Gênesis 25: 6.

só lhes deu presentes, e despediu-os, ainda vivo, mandando-os para longe de seu filho Isaac, para a terra do oriente[80].

Se então somos filhos da mulher livre de Jerusalém, compreendamos que há os bens dos herdeiros e há as gratificações feitas àqueles que não compartilham da herança. Ora, os herdeiros são aqueles dos quais se diz: *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porquanto, não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!*[81]

Capítulo XXIX – A recompensa eterna da verdadeira paciência.

26. Que o espírito de caridade nos faça clamar pela sorte e, na esperança de que sejamos da herança eterna, nos animemos com um amor liberal e não com um medo servil. Clamemos, mas num espírito de paciência, já que somos pobres aqui em baixo, até que sejamos enriquecidos com os bens da herança celeste. Nós já temos ganhos e certezas bem grandes, pois Jesus Cristo *se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer por sua pobreza*[82] e, após sua

[80] Gênesis 25: 5 e 6.
[81] Romanos 8: 14 e 15.
[82] 2 Coríntios 8: 9.

exaltação no céu, o Espírito Santo nos foi enviado para formar santos desejos em nossos corações.

São desses pobres que ainda só têm fé e não uma clara visão, que esperam mas não possuem, que suspiram e que desejam, muito longe de reinarem na soberana felicidade, que tem fome e sede de justiça, mas que ainda não estão plenamente saciados, são deles que se fala: *Sua paciência não perecerá*[83]. Não que eles ainda precisem de paciência quando não houver mais nada para sofrer, mas por que sua paciência não terá sido infrutífera e, já que sua recompensa será eterna, ela não perecerá nunca. Pois, quando se trabalhou em vão e se ficou frustrado com sua espera, diz-se que foi trabalho inútil e quando, pelo contrário, se conseguiu o que se pretendia, diz-se que não foi tempo perdido. Diz-se que não foi um trabalho perdido, não por que seja eterno, mas por que não foi realizado em vão.

É desta forma que a paciência dos pobres de Jesus Cristo __ que devem um dia se enriquecerem com a herança do mesmo Jesus Cristo __ não perecerá. Não por que não tenhamos nada a sofrer na beatitude eterna, mas por que lá desfrutaremos eternamente da recompensa do que aqui embaixo sofremos com paciência.

[83] Salmo 9: 19. *Patientia pauperum non peribit in finem.*

Pois, aquele que dá à vontade a paciência que precisamos no tempo não porá fim à felicidade que possuiremos na eternidade e esses dons são fornecidos pela caridade.

Créditos

Original: *De patientia*

© 418 Aurelius Augustinus Hipponensis
© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Traduzido de: *De La Patience* por Souza Campos, E. L. de. Tradução do latim de Abbé Burleraux in *Oeuvres complètes de Saint Augustin, sous la direction de M. Raulx, Bar-le-Duc, 1871*

Conteúdo

A Paciência _____ *2*

Introdução _____ **2**

Capítulo I – A paciência de Deus. _____ **2**

Capítulo II – No que consiste a verdadeira paciência. Sua utilidade. _____ **3**

Capítulo III – A dimensão da paciência dos iníquos. _____ **4**

Capítulo IV – Os fúteis louvam essa paciência. _____ **5**

Capítulo V – Exemplos de paciência espantosa: Catilina e os ladrões. _____ **6**

Capítulo VI – A causa pela qual se sofre constitui a diferença entre a verdadeira e a falsa paciência. _____ **8**

Capítulo VII – Os iníquos sabem sofrer tudo pela vida temporal. Nem só a alma se beneficia com a morte e as dores pacientemente suportadas; o corpo tem nisso sua parte. _____ **8**

Capítulo VIII – A utilidade da paciência para a alma e para o corpo. _____ **10**

Capítulo IX – A paciência da alma. _____ **11**

Capítulo X – A paciência nos males exteriores __ Os mártires tiveram os dois tipos de paciência. _____ **13**

Capítulo XI – A paciência do santo homem Jó. _____ **14**

Capítulo XII – A paciência de Jó é superior à de Adão. _____ **15**

Capítulo XIII – A falta de paciência dos donatistas. Eles se utilizam de mãos criminosas, quando os cristãos os procuram. **17**

Capítulo XIV – A paciência dos justos._____ 19

Capítulo XV – A fonte verdadeira da paciência. _____ 20

Capítulo XVI – A vontade basta para a injustiça, não para a justiça. _____ 22

Capítulo XVII – A caridade é a fortaleza dos justos. _____ 23

Capítulo XVIII – A verdadeira paciência vem de Deus, que é amor. _____ 26

Capítulo XIX – A concupiscência vem do mundo ou da má vontade?_____ 28

Capítulo XX – A graça precursora. _____ 29

Capítulo XXI – A graça fez os antigos justos._____ 32

Capítulo XXII – Sem a graça não há justo._____ 34

Capítulo XXIII – A paciência verdadeira e a falsa paciência. __ 35

Capítulo XXIV – A vontade má sem a instigação do demônio. 35

Capítulo XXV – Só Deus dá a boa vontade._____ 37

Capítulo XXVI – O que pensar da paciência dos cismáticos? __ 38

Capítulo XXVII – Ela é um dom de Deus? _____ 40

Capítulo XXVIII – Os dons dos filhos herdeiros e os dons dos filhos deserdados. _____ 41

Capítulo XXIX – A recompensa eterna da verdadeira paciência.43

Créditos_____ 46

Conteúdo _____ 47